

Anticomunismo e o fantasma do “neostalinismo”: a “questão Stálin” na obra de Domenico Losurdo

Jones Manoel Silva*

Resumo: O objetivo deste ensaio é tecer uma análise sobre a “questão Stálin” na obra de Domenico Losurdo, buscando mostrar que não existe um “neostalinismo” ou uma “reabilitação de Stálin” na produção do autor, mas um novo balanço do papel do líder soviético e do seu governo à luz dos debates críticos sobre modernidade, questão colonial, liberalismo e história das experiências socialistas.

Palavras-chaves: Stalinismo. Stálin. Questão Colonial. Liberalismo.

Abstract: The purpose of this essay is to analyze the “Stalin question” in the work of Domenico Losurdo, trying to demonstrate that there is no “neo-Stalinism” or “rehabilitation of Stalin” in the author’s production, but a new assessment of the role of the Soviet leader and his government in the light of critical debates on modernity, the colonial question, liberalism and the history of socialist experiences.

Keywords: Stalinism. Stálin. Colonial Question. Liberalism

Resumen: El objetivo de este ensayo es analizar la “cuestión de Stalin” en la obra de Domenico Losurdo, intentando demostrar que no hay un “neostalinismo” o una “rehabilitación de Stalin” en la producción del autor, sino una nueva valoración del papel del líder soviético y de su gobierno a la luz de los debates críticos sobre la modernidad, la cuestión colonial, el liberalismo y la historia de las experiencias socialistas.

Palabras-llave: Estalinismo. Stálin. Cuestión Colonial. Liberalismo.

* Historiador, professor de História, Mestre em Serviço Social, educador e comunicador popular.

Em 2018, morreu o intelectual e militante comunista Domenico Losurdo. Não só na Itália, sua terra natal, como em muitos outros países – a exemplo de Cuba, Espanha, Portugal, Venezuela, China etc. –, o nome do filósofo foi lembrado, e sua obra apontada como um aporte fundamental para o marxismo e o pensamento crítico.

No Brasil, a obra losurdiana é conhecida e tem penetração acadêmica desde os anos de 1990. Nunca despertou muitas paixões de combate polêmico. Contudo, a partir de 2018, um setor da esquerda brasileira – notadamente os trotskistas – passou a atacar o italiano de forma sistemática. Bem longe de um debate teórico qualificado, o que vimos foram dogmas de gueto ideológico repetidos *ad nauseam* – como um inquisidor tentando curar os hereges – e puro e simples xingamento e desqualificação: farsante, charlatão, revisionista, mentiroso e outras palavras entraram no repertório dos “anti-Losurdo”.

Toda essa histeria chegou ao auge quando, em janeiro de 2020, foi publicada na internet uma entrevista do autor destas linhas com o prestigiado músico brasileiro Caetano Veloso. Durante a entrevista, dentre vários temas, Caetano afirmou que desenvolveu interesse pela leitura de Losurdo a partir do meu trabalho, rasgou elogios ao italiano e falou das obras dele que estava lendo. Esse episódio projetou o nome de Domenico Losurdo para outro patamar de conhecimento público e visibilidade.

Depois dessa entrevista, algumas almas atormentadas entenderam que o maior perigo da conjuntura é o crescimento do “neostalinismo”, representado, principalmente, por Domenico Losurdo. O cavalo de batalha dos Dom Quixotes da política – que me desculpe Cervantes pela comparação – é a acusação de que Losurdo seria um “stalinista” (ou “neostalinista”) e promoveria uma reabilitação da figura de Joseph Stálin.

Esperei pacientemente o momento de responder essa “acusação”. Farei esse debate agora neste ensaio. Não buscarei tratar de pormenores das “acusações”, mas debater o que considero ser o núcleo central da questão em todas as suas dimensões – teórica, política e tático-estratégica.

Como já falamos, Losurdo é conhecido pelo público brasileiro desde os anos de 1990. Teve presença constante nas principais revistas marxistas do país e foi publicado por mais de cinco editoras. O percurso acadêmico do italiano, no Brasil, deu-se de início devido à sua leitura de Hegel e sua crítica do liberalismo. Em 1998, é lançado o livro *Marx, Hegel e a tradição*; em 2004, foi lançado *Democracia ou bonapartismo*; e, em seguida, chega seu mais conhecido livro de crítica ao pensamento liberal,

Contra-história do liberalismo, em 2006; no mesmo ano, outro importante livro de crítica ao liberalismo é publicado: *Liberalismo. Entre a civilização e a barbárie*. Ainda no mesmo ano, é impresso o prestigiado *Antônio Gramsci: do liberalismo ao “comunismo crítico”*.

Como se pode perceber, em um curto período de tempo, vários livros do italiano foram lançados no Brasil. Nos anos que se seguiram, tivemos muitos outros; para citar apenas alguns: *A linguagem do império: léxico da ideologia estadunidense* (2010); *O pecado original do século XX* (2013); *A não violência. Uma história fora do mito* (2012); *Fuga da história? A Revolução Russa e a Revolução Chinesa vistas de hoje* (2004); *A luta de classes. Uma história política e filosófica* (2015); *Guerra e revolução. O mundo um século após outubro de 1917* (2017); *Nietzsche: o rebelde aristocrata. Biografia intelectual e balanço crítico* (2009); *Stalin – uma história crítica de uma lenda negra* (2010) etc.

Não citarei toda a bibliografia – inclusive os artigos – para não cansar o/a leitor/a (vale destacar o caráter multitemático da produção do filósofo). O livro sobre Stálin é o único de toda a produção losurdiana que tem como centro da atenção o famoso líder soviético. Em artigos e entrevistas, é difícil também achar outro momento do italiano que seja concentrado em Stálin.

É necessário, portanto, afirmar que Stálin, enquanto figura histórica, não tem um papel importante no conjunto da reflexão losurdiana. E não deixa de ser significativo que a edição italiana do livro sobre Stálin seja de 2008 – como sabemos, dez anos antes da morte do filósofo. Stálin, enquanto figura histórica, é não só um tema marginal no conjunto da obra de Losurdo, *como uma matéria de trabalho que só recebeu maior atenção – um livro específico – no crepúsculo da produção losurdiana*. Agora, o período de Stálin como liderança na União Soviética, normalmente chamado de “stalinismo”, esse, sim, tem papel de relevo no conjunto das reflexões do filósofo.

A diferença de interesse e atenção da figura de Stálin para o “stalinismo” se explica por uma questão fundamental: na multiplicidade de temáticas e autores abordados por Losurdo, podemos apontar que o fio condutor de sua produção é a *tentativa de construir uma contra-história da modernidade, suas ideologias e conflitos políticos fundamentais a partir da apreensão das contradições objetivas em um quadro histórico-concreto, destacando a importância da questão colonial – recalcada pela ideologia dominante – e valorizando o legado de emancipação encarnado pela Revolução Francesa, Haitiana e Russa* (e as continuidades da Revolução de Outubro, como a Batalha de Stalingrado, Revolução Chinesa etc.).

Esse fio condutor da obra losurdiana é uma resposta à burguesia e suas expressões político-ideológicas, como o liberalismo, que buscam não só expropriar as classes

trabalhadoras do seu mais-valor, como também do seu passado, satanizando, tratando como episódio de teratologia todo o processo revolucionário – desde a Revolução Francesa até as revoluções socialistas – e seus intérpretes, como Hegel ou Lênin, se autorrepresentando num quadro idílico e belo, isento de contradições, dramas e tragédias.

O autoelogio do liberalismo como uma ideologia/programa político de defesa absoluta da liberdade, do indivíduo e da limitação do poder, ou a imagem do imperialismo estadunidense como exemplo máximo de liberdade e democracia, tem como fundamento o apagamento da questão colonial e a demonização absoluta de toda experiência revolucionária; trata-se de resumir a experiência socialista a um grande *gulag*. A operação é bem simples: criam-se dois monstros gêmeos, representando o ápice da barbárie, o totalitarismo nazista e comunista, e se apresenta o liberalismo como um elemento terceiro, puro, superior e não maculado pelo pecado.

Losurdo percebe que sua contra-história da modernidade o leva a repensar o balanço construído pelos vencedores no século XX sobre as experiências socialistas. O filósofo italiano busca operar uma história crítica e não poupa palavras aos erros e crimes das experiências do século passado; contudo, recusa as demonizações, simplismos e as abordagens dedutivistas que buscam em Platão ou Rousseau as origens do “terror jacobino”, ou em Marx ou Lênin a semente do *gulag* soviético. Em síntese, como coloca Gianni Fresu (2018),

Losurdo sempre levantou a necessidade de compreender os elos entre a primeira e a Segunda Restauração, mostrando a tarefa ideológica comum a elas: deslegitimar as duas maiores Revoluções da história mundial. Depois de 1815, a resistência filosófica que tentou explicar racionalmente as razões e as heranças da Revolução Francesa teve um significado que ia além da luta política imediata. Da mesma maneira, como Hegel fez no começo do século XIX, era preciso demonstrar as contradições e a instrumentalidade das teorias que apresentaram os acontecimentos de 1917 como a origem de todos os males e desastres. Um fio vermelho une Von Haller aos teóricos do revisionismo contemporâneo; assim, os lutos e os horrores de um século ensanguentado são o fruto envenenado da Revolução Russa, e mesmo o fascismo, segundo Nolte, não seria produto da história burguesa, a prossecução nos confins europeus da ideologia colonial, mas uma simples consequência do fanatismo ideológico bolchevique. A mesma crítica contra os jacobinos envolveu os bolcheviques, a idêntica condenação da Revolução Francesa abrangeu a Revolução de Outubro.

O projeto teórico losurdiano teria, mais cedo ou mais tarde, de enfrentar a grande arma da classe dominante, que serve ao mesmo tempo para: a) produzir seu autoelogio

histórico como auge da liberdade e democracia; b) demonizar e criminalizar todas as experiências socialistas; c) combater, a partir do mais reacionário revisionismo histórico, ou confinar ao esquecimento as tradições revolucionárias anteriores ao marxismo e seus intérpretes. Que arma é essa? A representação caricatural, teratológica e patológica do “stalinismo”.

Existe um *reductio ad stalinum*. Qualquer argumento que não seja uma condenação sumária de Marx, jacobinismo, Revolução de Outubro, Revolução Chinesa, socialismo cubano, pensamento de Hegel, violência revolucionária e assim segue, rima com a evocação de alguma barbaridade do “stalinismo” (real ou fictícia). Não deixa de ser curioso que esse *reductio ad stalinum* apareça também na política mais imediata: os moderadíssimos Jeremy Corbyn (Inglaterra) e Bernie Sanders (Estados Unidos), nas suas recentes disputas eleitorais, foram acusados de stalinismo. Como bem disse um importante historiador,

A demonização de Stalin, elevado à reencarnação do Lúifer no Relatório Kruschiov [no XX Congresso do PCUS], não tem por objeto o Stalin real, que historicamente existiu, mas a sua representação caricatural. Depois acriticamente recebida e repetida no Ocidente, elevada a dogma, enquanto particularmente funcional à luta anticomunista. (GIACOMINI, 2019, p. 39).

Ao enfrentar esse ponto vital da ideologia dominante, Losurdo não escreveu uma biografia de Stálin. Os “críticos” que acusaram o italiano de ser um mau biógrafo não perceberam que o autor não tem qualquer intenção de escrever algo próximo dos livros clássicos, como a biografia sobre Stálin de Isaac Deutscher¹ ou o recente livro de Stephen Kotkin². A função do livro de Losurdo é desconstruir a imagem que o Ocidente liberal-imperialista produz sobre o “stalinismo” como reflexo de sua própria imagem idealizada. Imagine a metáfora: é como se existisse um espelho com a imagem diabolizada de Stálin e do “stalinismo”, e, ao se olhar nesse espelho, esse Ocidente liberal-imperialista vê uma imagem pura e idílica como reflexo.

O livro de Domenico Losurdo é fundamentalmente uma análise histórico-crítica, focada nas contradições objetivas do “stalinismo” e de Stálin como líder político, negando a propaganda anticomunista e perquirindo as múltiplas imagens de Stálin produzidas – também dentro do movimento comunista – ao longo da história e historicizando essas imagens³. O/A leitor/a do livro de Losurdo percebe isso até

1 *Stalin*: uma biografia política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

2 *Stálin*: Paradoxos do poder, 1878-1928. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017. v. 1.

3 Um pequeno exemplo da abordagem histórica de Losurdo: “Em junho de 1956, sob a impressão imediata da leitura do Relatório Kruschov, [Isaac] Deutscher observa: ‘os comunistas se tinham

pela disposição temática dos capítulos: na maioria dos capítulos e subtópicos, temos uma rica e complexa investigação das múltiplas imagens de Stálin como reflexo da idealização do Ocidente liberal-imperialista e as variadas comparações de Stálin e da União Soviética com Hitler e a Alemanha nazista. Uma síntese da ambição teórica do livro pode ser vista neste trecho que conclui um longo raciocínio sobre a ideologia do totalitarismo e a comparação Hitler-Stálin.

O que mais impressiona em tais textos é a ausência da história e, em certo sentido, até da política. Desaparecem o colonialismo, o imperialismo, as guerras mundiais, as lutas de libertação nacional, os projetos políticos diferentes e opostos. Não se pergunta tampouco pelas relações entre o Ocidente Liberal, de um lado, com o fascismo e o nazismo (que se comportam como campeões do Ocidente mais autêntico e mais consequente), por outro lado, e o antigo regime russo, cujas contradições tendem há muito tempo a precipitar-se numa enorme catástrofe. Tudo isso é colocado substancialmente na sombra pela centralidade absoluta conferida a duas personalidades criadoras, ainda que maleficamente criadoras. (LOSURDO, 2010, p. 187).

Essa incompreensão da tarefa fundamental da reflexão losurdiana faz com que alguns autores, como o historiador Jean-Jacques Marie (2011), tenham ficado indignados pelo fato de Losurdo responder que as deportações em massa e punições coletivas existentes na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) não foram fruto de qualquer personalidade doentia e paranoica de Stálin ou de um instinto sanguinário do totalitarismo, mas sim que se tratava de uma prática estatal generalizada no período histórico e que conheceu realidade também nos países de sólida tradição liberal, como Estados Unidos e Inglaterra. Na visão subalterna ao

prostrado por mais de: ‘um quarto de século’ diante de um tirano monstruoso e repugnante tanto no plano moral como no plano intelectual; como pôde acontecer tudo isso?’. Prosseguido nessa linha, ele teria podido acrescentar: o que teria levado filósofos e estadistas ocidentais ilustres a tributar àquele monstro declarações de estima e de respeito e, em certos casos, até de admiração? Estas perguntas são legítimas e até inevitáveis, mas talvez deveriam ser completadas por outra: como pôde acontecer que o próprio Deutscher se tenha deixado contagiar por aquele comportamento que ele denuncia tão asperamente em 1956? Sim, depois do fim da II Guerra Mundial e por ocasião da morte de Stálin, ele prestara homenagem ao estadista que tinha contribuído de modo decisivo para a derrota do III Reich e tinha construído o socialismo na URSS. Naquela época, o monstro de abjeção e de imbecilidade ainda não tinha entrado em cena, e, portanto, ainda não surgira a pergunta sobre o enorme crédito que ele, apesar de tudo, por tanto tempo teve. Talvez, em 1956, ao ler o Relatório Kruschiov, Deutscher tivesse agido melhor se houvesse feito uma pergunta bem diferente: guiada por um ‘generalíssimo’ e por um dirigente político tão ridículo, como a União Soviética pôde denotar a terrível máquina de guerra nazista, que tinha rapidamente subjugado o resto de Europa continental? E como pôde a União Soviética, partindo de uma posição de extrema fraqueza, tornar-se uma superpotência militar e industrial?” (LOSURDO, 2010, p. 296).

liberalismo de Marie, isso é o mesmo que dizer “tudo bem então esse horror na União Soviética”, quando, na realidade, Losurdo deseja dizer que defender que esse horror na União Soviética é um derivado da essência do marxismo ou a prova do totalitarismo (e do liberalismo como um terceiro equidistante, democrático etc.) não se sustenta.

É óbvio que, durante o livro, além de demolir a autoimagem falseada do Ocidente liberal-imperialista, Losurdo também realiza outros objetivos. Busca, por exemplo, combater as mitologias anticomunistas mais grosseiras, como a ideia de que Stálin – e o Partido Comunista – confiava em Hitler, não sabia dos planos de invasão nazistas e que o pacto de não-agressão germano-soviético foi fruto de uma pura e simples atração ideológica de dois sistemas iguais; mas, embora esse combate às propagandas anticomunistas mais vulgares seja importante, o fundamental para o autor é olhar a experiência soviética como uma jornada histórica, com todos os seus erros e acertos, como uma tentativa de construção socialista, como parte da história do movimento comunista, sem autofobia⁴.

Para Losurdo, só observando de forma objetiva a história soviética podemos repensar a teoria e a prática do movimento comunista à luz da história. Caso contrário, surgem os expedientes de fuga da história, que afirmam que tudo não passou de “capitalismo de Estado”, “revolução traída” ou fim do socialismo com a morte de Lênin (ou derrota de Trotsky), sendo necessário fazer tudo de novo, negando toda a história e redescobrimo a pureza original dos textos de Marx, perdidos pelos seus intérpretes e deturpadores (e para não poucos “estudiosos” de Marx, o primeiro grande deturpador foi Friedrich Engels). Nesse ponto, cabe deixar a palavra com o próprio Domenico Losurdo:

Eis que emerge a palavra de ordem “volta a Marx”. Seria fácil demonstrar que Marx é o filósofo mais decisivamente crítico da filosofia dos retornos. Em sua época, desprezou aqueles que, em polêmica com Hegel, queriam voltar a Kant ou, definitivamente, a Aristóteles! Voltar a entrar no abc do materialismo histórico, a tese segundo a qual a teoria se desenvolve a partir da história, da materialidade, dos processos históricos. O grande pensador revolucionário não hesitou em reconhecer o débito teórico contraído por ele em relação à breve experiência da Comuna de Paris: atualmente, ao contrário, décadas e décadas de um período histórico particularmente intenso, da Revolução de Outubro à chinesa, cubana, etc., devem ser declaradas destituídas de significado e de relevância no que diz respeito à “autêntica”

4 “Porém, apesar das assonâncias, autocrítica e autofobia constituem duas posições antitéticas. Em seu rigor, e até mesmo em seu radicalismo, a autocrítica exprime a consciência da necessidade de acertar as contas com a própria história; a autofobia é uma fuga vil desta história e da realidade da luta ideológica e cultural que sob ela que ainda arde. Se a autocrítica é o pressuposto da reconstrução da identidade comunista, a autofobia é sinônimo de capitulação e de renúncia da identidade autônoma” (LOSURDO, 2004, p. 14-15).

mensagem de salvação já consignada, de uma vez por todas, em textos sagrados, que teriam apenas de ser redescobertos e reanalisados religiosamente! [...] Em que texto de Marx se pode ler a previsão ou a justificativa de um socialismo em uma pequena ilha como Cuba, ou de guerrilha na Bolívia para promover uma revolução de tipo socialista? No que concerne a Gramsci, é notório que ele saúde Outubro como a revolução contra “o capital”. Foram os mencheviques que lançaram, naquele momento, a palavra de ordem da “volta a Marx”. (LOSURDO, 2009, p. 20-21).

O filósofo, porém, não confunde o combate à fuga da história com sancionar tudo que aconteceu na experiência histórica como único caminho possível. Diz textualmente que “[...] não se trata de engolir a pretensão dos ideólogos do ‘socialismo real’, de enquadrar totalmente o possível ao real, quase como se toda escolha tenha sido sempre obrigatória” (LOSURDO, 2015, p. 206) e que devemos nos indagar, também, sobre “[...] os erros (e os crimes) dos dirigentes políticos da URSS ou de outros países [socialistas]” (LOSURDO, 2015, p. 207). Como se pode notar, não existe defesa de uma apologia acrítica do que existiu e existe ainda como experiência socialista e muito menos um “negacionismo” de erros e crimes, mas sim uma recusa de reduzir décadas de história a um grande filme de terror psicopatológico. A União Soviética, no período de Stálin, foi uma combinação entre emancipação e des emancipação, e Losurdo, no seu livro, demonstra isso muito bem⁵.

Apenas um único exemplo de um dos argumentos centrais da abordagem losurdiana: o italiano destaca como o nazifascismo é também uma radicalização da tradição colonial-ocidental e como a União Soviética, ao contrário da Alemanha Nazista e inclusive das democráticas França e Inglaterra, tinha um firme compromisso com a luta anticolonial e antirracista. Reduzir a URSS a um reino de terror, ou liquidar essa experiência histórica como “totalitarismo” ou “revolução traída”, significa negar esse capítulo fundamental da história do século XX e da luta de classes. Vejamos, por exemplo, o que dizem dois dos maiores nomes da luta anticolonial e antirracista da história.

W. E. B. Du Bois (2008 [1953]), o maior intelectual da história dos Estados Unidos, por ocasião da morte de Stálin, escreveu um necrólogo elogioso defendendo

⁵ Um pequeno exemplo dessa abordagem: “as massas populares tradicionalmente condenadas ao analfabetismo irrompem em massa nas escolas e nas universidades; forma-se assim “toda uma nova geração de operários especializados e técnicos e administradores tecnicamente preparados”, chamados de modo rápido a desempenhar uma função dirigente. “Novas cidades são fundadas e velhas cidades são reconstruídas”; o surgimento de novos complexos industriais gigantescos nada junto com a “ascensão de cidadãos hábeis e ambiciosos de origem operária ou camponesa aos níveis superiores da escola social”. A esse respeito falou-se de “uma mistura de coerções brutais, de heroísmo memorável, de loucura desastrosa e de resultados espetaculares” (LOSURDO, 2010, p. 148).

o líder soviético e destacando que a URSS conseguiu vencer o preconceito racial e “[...] construiu uma nação de 140 grupos sem destruir suas individualidades”. Mesmo depois do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), onde ocorrem as denúncias dos “crimes de Stálin”, dado o papel da URSS na luta antirracista e anticolonial, Du Bois continuou destacando os elementos positivos do legado staliniano em textos como *Socialism and democracy*, de 1957. O dirigente e teórico da Revolução Argelina, Frantz Fanon, afirmou:

Para os povos coloniais escravizados pelas nações ocidentais, os países comunistas são os únicos que em qualquer ocasião tomam sua defesa. Os países coloniais não têm que se preocupar com saber se esta atitude é ditada pelo interesse da estratégia comunista; verificam sobretudo que este comportamento geral vai no sentido dos seus próprios interesses. Os povos coloniais não são especialmente comunistas, mas são irredutivelmente anticoloniais. (FANON, 2018 [1958], p. 87).

Como se pode ver, para Fanon não faria sentido descartar as experiências socialistas (“países comunistas”) em curso: elas eram fundamentais na liquidação de séculos e décadas de domínio colonial, a forma mais brutal de dominação do capitalismo. Ainda cabe destacar que, para Fanon e vários outros líderes anticoloniais – como Thomas Sankara, Amílcar Cabral ou Kwame Nkrumah –, na hora de buscar o máximo exemplo de barbárie, não se deveria olhar para a URSS ou o Leste Europeu (ou Stálin e Mao Zedong), mas para o colonialismo e neocolonialismo operado pelas potências liberal-capitalistas.

Claro, pode-se objetar que Domenico Losurdo, para além de não reduzir a URSS no período stalinista a um reino de terror *per se* e considerar toda a dimensão de emancipação presente, também elogia Stálin enquanto líder e teórico em alguns aspectos de sua vida-obra. Losurdo, no debate com Jean-Jacques Marie, resume o que considera os méritos de Stálin:

No âmbito do quadro por mim traçado, permanecem firmes os méritos de Stálin. Ele compreendeu uma série de pontos essenciais: a nova fase histórica que se abria com a falência da revolução no Ocidente; o período de colonização escravista que ameaçava a Rússia soviética; a urgência de recuperação do atraso em relação ao Ocidente; a necessidade de conquista de ciência e tecnologia mais avançadas e a consciência de que a luta por tal conquista pode ser, em determinadas circunstâncias, um aspecto essencial, e mesmo decisivo, para a luta de classe; e a necessidade de coordenar patriotismo e internacionalismo e a compreensão do fato de uma vitoriosa luta de resistência e de libertação nacional (como foi a Grande guerra patriótica) constituir-se na mesma época uma contribuição de primeiríssimo plano à causa internacionalista da luta contra o imperialismo e o capitalismo. (LOSURDO, 2011).

Contudo, se reconhecer algum mérito político ou teórico a Stálin, a despeito da avaliação global que se faça de sua vida-obra, for sinônimo de “stalinismo”, temos um problema. Teremos que considerar que autores tão diferentes entre si como György Lukács, Louis Althusser, Ruy Mauro Marini, Theotônio dos Santos, Luciano Canfora, James Petras, Michael Parenti, Isaac Deutscher, Vijay Prashad, Slavoj Žižek e tantos outros seriam todos stalinistas, dado que é possível achar em todos eles algum elogio ou consideração positiva sobre algum aspecto do governo staliniano ou a vida-obra do líder soviético⁶.

A essa altura da argumentação é necessário dizer que eu considero que sim, existe uma leitura stalinista do marxismo. Essa leitura tem três pilares fundamentais: a) uma visão acrítica do período stalinista na URSS, onde todos os problemas e tragédias podem ser colocados na conta de agentes externos ao regime – ou elementos do sistema alheios à sua organicidade – e resumidos a mentiras da burguesia; b) uma visão laudatória do socialismo realmente existente na URSS, como se tudo o que aconteceu tenha sido a melhor ou a única escolha possível, sendo a construção socialista do período um exemplo máximo que deve até hoje ser perseguido; c) a redução de qualquer crítica ou questionamento da ação política e legado teórico de Stálin a revisionismo, normalmente adotando como fonte única ou principal de debate os próprios materiais produzidos pelo Partido Comunista da URSS sob a supervisão de Stálin.

Alguns autores se encaixam ou se aproximam desta compreensão de stalinismo, mas de forma alguma Domenico Losurdo; convido o leitor a estudar o livro do italiano sobre Stálin e conferir por si. Aliado a isso, Losurdo está bem longe de usar qualificativos para Leon Trotsky e a tradição trotskista como um todo de traidor, contrarrevolucionário e afins. É claro, o filósofo era um crítico de vários elementos da obra do fundador do Exército Vermelho, mas ser um crítico de Trotsky não transforma ninguém em “stalinista”. Caso contrário, teríamos que dizer, por exemplo,

⁶ Um trecho importante para pensar os variados significados de “reivindicar” Stálin: “[...] Em 1963, [Dipa Nusantara] Aidit [jovem líder do Partido Comunista da Indonésia - PKI] havia criticado os soviéticos, dizendo: ‘Os Estados socialistas não são genuínos se eles não conseguem realmente dar assistência à luta de libertação nacional’. A razão pela qual partidos como o PKI se apegaram a ‘Stalin’ não foi porque eles defenderam os expurgos ou coletivização na URSS. Foi porque ‘Stalin’, no debate sobre a militância, havia vindo para substituir o idealismo revolucionário pela luta antifascista. Aidit havia concordado que os soviéticos poderiam ter qualquer interpretação de ‘Stalin’ em termos de política interna (‘critique-o, remova seus restos do mausoléu, renomeie Stalingrado’), mas outros partidos comunistas tinham o direito de avaliar seu papel internacionalmente. Ele era um ‘farol’, disse Aidit em 1961, cujo trabalho foi ‘ainda útil para os países do Oriente’. Essa foi uma declaração contra a conciliação em relação ao imperialismo da era Krushchev. Foi uma posição compartilhada em muitos dos partidos comunistas do Terceiro Mundo» (PRASHAD, 2019, p. 140).

que Antônio Gramsci foi um dos maiores “stalinistas” do século XX, já que ele tratava a Trotsky nestes termos:

Neste caso, seria possível dizer que Bronstein [Trotski], que aparece como um “ocidentalista”, era, ao contrário, um cosmopolita, isto é, superficialmente nacional e superficialmente ocidentalista ou europeu. Em vez disso, Ilitch [Lenin] era profundamente nacional e profundamente europeu. Bronstein recorda, em suas memórias, terem-lhe dito que sua teoria se revelara boa... Quinze anos depois, e responde ao epigrama com outro epigrama. *Na realidade, sua teoria, como tal, não era boa nem quinze anos antes nem quinze anos depois*: como sucede com os obstinados, dos quais fala Guicciardini, ele adivinhou no atacado, isto é, teve razão na previsão prática mais geral; como se se previsse que uma menina de quatro anos irá se tornar mãe e, quando isto ocorre, vinte anos depois, se diz: “adivinhei”, mas sem recordar que, quando a menina tinha quatro anos, se tentara estuprá-la, na certeza de que se tornaria mãe. (GRAMSCI, 2017, p. 265, grifos nossos).

A preocupação de Domenico de repensar o balanço do século XX, combater a ideologia liberal, erodir a imagem do socialismo histórico como um cardápio de crimes e desconstruir o autoelogio da burguesia é manifesta por vários intelectuais de corte político-ideológico bem diferente. Não poucos, inclusive, reclamam que o mesmo tratamento teórico-metodológico que a esquerda marxista dedica à experiência jacobina e a seus protagonistas, como Maximilien de Robespierre, seja oferecido às experiências do século XX. Luciano Canfora, prestigiado historiador italiano que consta como posfácio do livro de Losurdo sobre Stálin, defende esse procedimento⁷. Postura semelhante pode ser indicada nas reflexões do comunista português Francisco Martins Rodrigues⁸.

O filósofo francês Jean Salem, falecido em 2018, ao traçar um balanço do movimento comunista na França e no mundo e como esse movimento foi criminalizado pela

⁷ “Molotov lembra que Stalin lhe dissera uma vez: quando eu morrer jogarão lixo sobre a minha tumba, mas depois entenderão. A acusação quase judiciária que pesa sobre Stálin é de ter ceifado vidas humanas demais. Essa medida de avaliação, que já durante todo o século XIX acompanhou e distorceu os vaivéns (muito semelhantes aos atuais) da historiografia sobre a Revolução Francesa, foi por fim manchado com as monstruosidades do chamado *Livro Negro* de Courtois e companheiros: um livro que inclui entre as ‘vítimas de Stalin’, também os milhões de mortos na Guerra mundial ou entre as ‘vítimas do comunismo’ as infinitas vítimas da UNITA em Angola. Depois daquele monstruoso *pamphlet* é difícil levar a reflexão para um plano decente; nem basta o rápido dismantelamento que se produziu depois daqueles números de causar vertigem. O nexa entre a Revolução e Terror é o duro problema: ele começa com Robespierre, não com Lenin, e ainda está aberto” (CÂNFORA, 2010, p. 339-340).

⁸ “As responsabilidades de Mao perante a revolução chinesa (tal como as de Stalin perante a revolução russa) são pesadas. Mas isto não nos leva a misturar a avaliação dessas responsabilidades com a infantil negação dos seus méritos na fase revolucionária da sua vida; muito menos com a estúpida negação de uma das mais gigantescas revoluções de todos os tempos” (RODRIGUES, 1989).

ideologia dominante (expresso principalmente, na contabilidade criativa de “vítimas do comunismo”, que cresce ano após ano de acordo com o cinismo do contador do momento), afirma:

Isto mostra que estamos confrontados com uma intensa propaganda mundial que, se não for sujeita a uma crítica, à nossa crítica, julgo que o desenvolvimento do pensamento revolucionário, não a sua retomada, seria contrariado, obliterado pela ausência de reação, designadamente da nossa parte, perante tais mentiras [...] Por isso não transformo numa condição absoluta do movimento progressista ou revolucionário a clarificação da história do século XX, mas penso que, se não travarmos a vaga ridícula e escandalosa de criminalização da militância comunista e da história do comunismo, o movimento social irá perder muito tempo. (FARIAS, 2013).

Outro filósofo francês de imenso prestígio mundial, Alain Badiou, em um dos seus muitos seminários, colocou nesses termos o problema de que estamos tratando:

Stálin é o nome de uma questão crucial em nossa história política e é geralmente considerada uma questão resolvida, a saber: Stálin foi um tirano totalitário e um grande criminoso. Mas quando dissemos que o estado stalinista era um estado de terror – o que é indubitável – você vê que a questão da relação entre Stálin e a história dos problemas políticos não estava realmente constituída. É por essa razão que, em minha opinião, Stálin não pode ser considerado o nome de uma questão resolvida.

Nos períodos de sucesso da contrarrevolução, uma operação fundamental não consiste somente em macular o período revolucionário anterior (o que é normal) mas também, o que é mais nefasto, a tornar esse período ininteligível. Isso aconteceu especialmente na revolução francesa. *Não podemos esquecer que, por um século, até a aparição, no século 20, da escola histórica de Mathiez e dos seus sucessores, Robespierre foi considerado como hoje é Stálin. Nos dois casos, nós temos operadores subjetivos da revolução tornados ininteligíveis sob a forma de uma patologia da história que os descola completamente de qualquer racionalidade política.* Pode-se dizer que a totalidade do processo chamado na China de Revolução Cultural, mas também Maio de 68 é, hoje, na propaganda dominante, objeto de operações de “incompreensibilidade” histórica do mesmo tipo. Propus de as qualificar como operações “thermidorianas”, porque isso começou com a queda de Robespierre, em Thermidor. *Quanto a Stálin, isso deve ser esclarecido à luz da questão, bem real, do lugar do terror na política revolucionária em geral, a partir também da singularidade do terror bolchevique em relação aos problemas internos iminentes à revolução russa, e enfim da travessia desses episódios históricos consideráveis que se produziram nos quarenta anos que se seguiram à Primeira Guerra Mundial.* Não vamos, claro, concluir que ele [Stálin] foi um cara formidável, etc. Essa questão independe, insisto, da questão do julgamento final que ele merece, mas é preciso que se constitua um dossiê, que a inteligibilidade mínima da coisa exista. (BADIOU, 2010-2011, grifos nossos, tradução nossa).

Alain Badiou encaminha sua reflexão indicando dois livros, e um deles é a reflexão de Domenico Losurdo sobre Stálin, embora pondere que o livro pode ser criticado por “[...] não tratar de forma concentrada e central o período mais marcante e terrível, o do grande terror de 1937-38”. Poderíamos estender os exemplos a muitos outros autores. *Não se trata de fazer nenhuma “reabilitação de Stálin” ou de “neostalinismo”, mas de um novo balanço do século XX à luz de diversos projetos teórico-políticos que têm sua unidade na busca de reconstruir um movimento revolucionário no século atual.*

Afirmar, contudo, que os alaridos sobre neostalinismo são falsos não explica a sua existência. Especialmente, não explica duas questões: por que agora? E por que contra Losurdo? O citado Badiou, além de um declarado simpático ao maoísmo, opera com um prisma teórico-político parecido com o de Domenico sobre Stálin, é publicado no Brasil, mas não é alvo dessa campanha, por exemplo.

Para explicar o “por que agora” dessa reação contra Losurdo, começamos comentando um episódio do percurso do historiador Perry Anderson. Anderson lançou em 1976 seu clássico e paradigmático (escrito em 1974) *Considerações sobre o marxismo ocidental* (2019). Deixando de lado a tese central do livro por demais conhecida – e debatê-la não é nosso objetivo –, Anderson (2019, p. 122) considera que o legado e a obra de Leon Trotsky “[...] poderá surpreender os futuros historiadores com seus recursos”. O historiador estava muito empolgado com a possibilidade de o marxismo ocidental, e em especial a obra de Leon Trotsky, conseguir finalmente reencontrar as massas. Segundo ele: “Desde o fim dos anos 1960 começa a criar, pela primeira vez desde a derrota da Oposição de Esquerda na Rússia, alguma possibilidade objetiva de reaparecimento das ideias políticas associadas a Trotsky em áreas fulcrais do debate e da atividade da classe trabalhadora” (ANDERSON, 2019, p. 125).

O prognóstico não é triunfalista, mas tem um tom claro de otimismo ao refletir sobre a possibilidade da “ascensão de um movimento revolucionário de massa” nas “pátrias do capitalismo industrial”. O autor diz que “as perspectivas de reaparecimento” do movimento de massas revolucionário nos países centrais do imperialismo “estão agora finalmente aumentando” (ANDERSON, 2019, p. 128-129).

Em 1984, o mesmo Perry Anderson escreve um posfácio para seu livro. O levante de massas revolucionário no centro do capitalismo não aconteceu. Ao contrário, vivíamos o começo da longa noite neoliberal e uma defensiva gigantesca da classe trabalhadora. O autor, em tom mais sóbrio e autocrítico, faz uma nova avaliação das perspectivas políticas do marxismo ocidental tão bem avaliado teoricamente. Atenção especial é dada ao legado de Leon Trotsky. Com ares melancólicos, diz Anderson (2019, p. 140, grifos nossos):

Entretanto, depois de 1924, Trótski generalizou seu esquema da Revolução Russa para

incluir todo o mundo colonial e ex-colonial, declarando que dali por diante não poderia haver revolução burguesa bem-sucedida em nenhum país atrasado nem fase estabilizada de desenvolvimento capitalista antes de uma revolução do proletariado. As duas principais realizações sempre citadas como impossíveis para qualquer burguesia colonial eram o êxito da independência nacional e uma solução para a questão agrária. A experiência histórica do pós-guerra seria ainda mais ambígua. O exemplo da Revolução da Argélia parece contradizer a primeira avaliação; o caso da Revolução Boliviana, a última. Um terceiro critério, não mencionado com muita frequência, era o estabelecimento da democracia representativa (parlamentar): trinta anos de União Indiana indicam que isso também pode ser possível. Linhas secundárias de defesa poderiam argumentar que nenhuma ex-colônia conseguiu preencher todos os três critérios, que a verdadeira independência, a solução da questão agrária e a democracia nunca foram obtidas em nenhum país, em consequência do papel que neles desempenharam o imperialismo, a usura e a corrupção. Mas qualquer ampliação indevida dos critérios para uma revolução burguesa desse tipo ou tende a transformar em tautologia a teoria da revolução permanente (somente o socialismo pode por definição subtrair um país completamente do mercado mundial, ou resolver todos os problemas do campesinato), ou exige dela credenciais que nunca teriam sido atingidas nem pelos próprios países capitalistas avançados (que levaram séculos para alcançar a democracia burguesa, por exemplo, com muitos retrocessos semelhantes aos da Índia contemporânea). O axioma da “revolução permanente” deve, portanto, ser considerado até agora não provado como teoria geral. *Suas dificuldades poderiam talvez ter sido presumidas, na medida em que ele deriva literalmente de um texto de Marx de 1850. Tal fidelidade canônica a Marx dificilmente seria garantia de precisão científica.*

A diferença de 1974 para 1984, apenas dez anos, é gritante. Sumiram as esperanças de Perry Anderson com o renascimento do movimento de massas revolucionário em conexão com o trotskismo.

É fato, porém, que, em alguns países, como o Brasil, o trotskismo realmente teve crescimento. A Convergência Socialista⁹, nos anos 1980, tinha milhares de militante operários e jovens. Os trotskistas chegaram a ter um peso considerável na Central Única dos Trabalhadores (CUT) e no Partido dos Trabalhadores (PT). Alcançaram seu maior período de peso sindical, eleitoral e audiência pública entre os anos 1980 e 1990 na história brasileira. Embora esse crescimento tenha sido significativo e tenha ajudado a formar uma nova geração de acadêmicos marxistas com rebatimento nas ciências humanas, a realidade é que acontece uma inflexão a partir dos anos 2000, e o trotskismo, no Brasil e no mundo, não consegue seu grande objetivo.

⁹ A Convergência Socialista (CS) foi uma organização trotskista brasileira, ligada à Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional (LIT-QI), organização internacional dirigida por Nahuel Moreno. A CS existiu no Brasil entre 1978 e 1992.

Leon Trotsky, no seu famoso *Programa de Transição*, define como o grande objetivo da IV Internacional superar a socialdemocracia e o “stalinismo” no movimento operário e oferecer uma saída revolucionária ao que chamava de “crise de direção”. Em canto nenhum da terra, contudo, esse objetivo foi alcançado. Se é possível dizer que em países como Brasil e Argentina os trotskistas conseguiram superar ou ter a mesma força que os partidos comunistas (depois do fim da URSS), nunca chegaram perto de ter a direção do movimento operário e popular – para não falar de dirigir uma revolução.

Esse momento de crescimento relativo do trotskismo passou e, na década atual, ele vive uma crise histórica. Essa crise é bem retratada pelo intelectual e dirigente trotskista brasileiro Valério Arcary (2019), que diz:

Mas um tsunami de proporções inusitadas atingiu o movimento trotskista mundial nesta década. Seis, entre as principais organizações revolucionárias que reivindicam a tradição da Quarta Internacional, se fragmentaram pela metade e aumentou, qualitativamente, a dispersão daqueles que compartilham o programa marxista revolucionário. O SWP inglês se dividiu; o PSTU do Brasil se dividiu; o POI francês se dividiu; a ISO norte-americana se dissolveu; o CWI, liderado pelo Socialist Party, que vinha da corrente Militant rompeu em três frações; e o Partido Obrero da Argentina se dividiu.

O diagnóstico mais imediato de Arcary pode ser completado com uma reflexão de maior profundidade histórica de Vijay Prashad:

O trotskismo teve muito pouco impacto no Terceiro Mundo – exceto Sri Lanka, na Bolívia e na Argentina, bem como entre um pequeno número de intelectuais. A denúncia do trotskismo sobre os Estados nacionais anticoloniais (aqueles que formaram o movimento dos não alinhados) e, em seguida, sobre a Revolução Cubana, alienou-o dos comunistas do Terceiro Mundo. (PRASHAD, 2019, p. 96).

O trotskismo, assim como outras tendências teórico-políticas, como o anarquismo e a socialdemocracia, se vê diante de um aparente paradoxo. Com a crise do movimento comunista, muitos esperavam ser a sua vez de ter a direção – ou exercê-la de forma absoluta, como a socialdemocracia – no movimento operário e popular. Tudo podia acontecer, e, no final, nada aconteceu em relação a essas esperanças. A classe trabalhadora amarga uma época contrarrevolucionária em que é possível registrar em vários países 30 anos seguidos de perdas salariais, fechamento dos espaços democráticos, ampliação do aparato penal-burguês, crescimento do neofascismo etc.

Onde ocorreu uma relativa reorganização política, teórica e sindical-partidária da classe trabalhadora – a exemplo Venezuela, Bolívia, Equador e até certo ponto Grécia, Espanha e Estados Unidos – o trotskismo está bem longe de ser a força hegemônica. Muitos seguidores do Fundador do Exército Vermelho tentaram se colar a experiências do dito “socialismo democrático”, algo profundamente estranho ao pensamento de Trotsky, para buscar maior influência de massas. As experiências até agora com o Syriza (Grécia), Podemos (Espanha) e os Socialistas Democráticos da América (Estados Unidos – grupo interno do Partido Democrata), para ficar nos exemplos mais significativos, não são animadoras, para dizer o mínimo.

Ficou claro algo que muitos pensadores já tinham observado: *o trotskismo se configurou como uma tradição política em negativo, existia por contraste e crítica ao movimento comunista hegemônico pelo marxismo soviético*. Ser uma alternativa interna de crítica e disputa aos rumos da URSS e posteriormente do chamado “campo socialista” era o principal ativo dos continuadores de Trotsky. É notório, contudo, que outras alternativas internas, como o maoísmo e o foquismo-castrismo, se apresentaram frente ao marxismo soviético e tiveram uma audiência de massas bem maior que os partidários da teoria da revolução permanente. Todavia, o trotskismo tinha uma vantagem: não exercia poder, não estava sujeito às contradições de governar, e poderia apresentar sempre uma crítica de princípios que, diante do existente, era sedutora.

Essa dinâmica de “parasitar” frente ao “campo socialista” e ao movimento comunista, ganhando notoriedade com a perda de prestígio desses atores políticos, foi captada anos atrás por Louis Althusser (1978, p. 56):

O que explica, diga-se de passagem, não poucos fenômenos de aparência paradoxal como, por exemplo, 50 depois da Revolução de Outubro e 20 anos depois da Revolução Chinesa, o fortalecimento de Organizações que subsistem há 40 anos sem terem obtido nenhuma vitória histórica (pois, ao contrário dos “esquerdismos” atuais, elas são organizações e têm uma teoria): as organizações trotskistas.

Esse efeito de prestígio por contraste e tradição em negativo se manteve nos anos seguintes à contrarrevolução no Leste Europeu. Poucos marxistas podiam dizer que nunca tiveram simpatias pela URSS, China Popular, Iugoslávia, algum país do Leste Europeu, Coreia Popular, Albânia ou Cuba. Quando reverbera o discurso liberal de que “*Mao Zedong matou 70 milhões*”, por exemplo, ao contrário de muitos marxistas que tiveram seus anos de amores com o maoísmo, os trotskistas podiam dizer: “*É verdade! E nós desde sempre denunciemos esse ‘autoritarismo’*”. Sem dúvida, esse era um ativo importante nos anos 90 e primeira década dos anos 2000.

Essa possibilidade de viver em negativo, porém, está acabando e, em alguns países, está totalmente terminada. Os motivos são bem simples. Onde a luta de

classes conhece um altíssimo grau de acirramento, como a Venezuela, a crítica ao “stalinismo” ou o repúdio ao “socialismo autoritário” do século passado não é questão central. Para completar, Cuba, com todas as suas dificuldades, se mantém como um ponto de resistência socialista fundamental na América Latina e, frente às nossas misérias, as “três coisas que funcionam” em Cuba – saúde, educação e segurança (como disse um liberal) – parecem muito luminosas.

O novo papel geopolítico da China e as mudanças na sua política interna, notadamente desde 2013 com a liderança de Xi Jinping, e o “redescobrimto” do Vietnã, países governados por partidos que reivindicam o marxismo-leninismo, reacendem em alguns ciclos intelectuais e políticos um novo “olhar” sobre a história e o legado do movimento comunista. Não deixa de ser curioso que o citado historiador Perry Anderson, tão empolgado com o trotskismo e crítico ao maoísmo em 1976, hoje tenha uma visão muito positiva da experiência chinesa em curso¹⁰.

Os outros dois elementos são geracionais. Primeiro, fora dos ex-países socialistas, temos uma geração de jovens que não sentiu o peso do Muro de Berlim caindo nas suas costas. O XX Congresso do PCUS, a “grande fome” da China, a invasão da Tchecoslováquia e tantos outros exemplos significativos e traumáticos, embora repetidos todo dia pela propaganda anticomunista, não têm impacto sentimental e afetivo nessa nova geração (e a economia dos afetos é muito importante para compreender essa mudança de olhar).

Outro fenômeno, também geracional e totalmente ligado ao primeiro, é que a memória afetiva dos habitantes dos ex-países socialistas é profundamente positiva e nostálgica (na maioria dos países). É comum em vários países termos números próximos ou superiores de 50% do total dos ouvidos em pesquisas de opinião falando que a vida no socialismo era melhor – ou, o que talvez seja mais significativo, jovens falando que acham que sua vida no socialismo seria melhor. Traz-se dois exemplos dessa nostalgia recolhidos na mídia – o primeiro do jornal *El País*:

10 “Em termos taxonômicos, a RPC [China] do século XXI é um *novum* histórico-mundial: a combinação daquilo que, segundo qualquer critério convencional, apresenta-se por ora uma economia predominantemente capitalista, com aquilo que, segundo qualquer critério convencional, ainda é incontestavelmente um Estado comunista – cada qual o mais dinâmico já visto em seu gênero. Politicamente, os efeitos dessa contradição deixam marcas em toda a organização social, na qual eles se fundem ou se mesclam. Nunca tantos saíram tão rapidamente da pobreza absoluta. Nunca as indústrias modernas e infraestrutura moderníssima foram implantadas em escala tão colossal e em tão pouco tempo; nunca também uma classe média florescente emergiu tão rapidamente junto com elas. Nunca a hierarquia das potências foi alterada tão dramaticamente, alimentando o orgulho popular de modo tão espontâneo” (ANDERSON, 2018, p. 68). Um complemento para ficar claro: Anderson não é apenas elogios à China, mas os elogios de hoje são mais significativos que as críticas, considerando sua trajetória como marxista.

Aumenta a nostalgia na Rússia pela União Soviética. O número de russos que lamentam o colapso da URSS atingiu seu recorde na última década, de acordo com uma pesquisa do Centro Levada. No total, 66% dos cidadãos russos se declaram “arrepentidos” da sua dissolução. No ano passado, a mesma pesquisa apontou que 58% sentiam de alguma forma saudade da URSS. Por muitos anos o número não ultrapassou 60%. Sociólogos e analistas apontam que a reforma do sistema de aposentadorias – que eleva a idade de se aposentar – e o medo da instabilidade econômica estão por trás do aumento dos que sentem nostalgia de um sistema que desmoronou há 27 anos. (SAHUQUILLO, 2018).

O segundo exemplo, uma publicação do *Le Monde Diplomatique*:

Pressionado em suas trincheiras, o sr. Krenz acabou por admitir um “lado bom” da nostalgia: “As pessoas do Leste conheceram duas sociedades e podem, portanto, comparar”. Elas são 17 milhões e sabem que a RDA [Alemanha Oriental] “não se resume ao Trabant ou à Stasi. Apesar de tudo que deu errado, havia trabalho para todos, moradias baratas, um sistema de saúde gratuito e que funcionava... Tantas conquistas de que eles sentem saudade” [...] “Quanto mais vivemos o capitalismo, mais nos perguntamos o que havia de errado com o socialismo”, resume o jornalista Wolfgang Herr. Normal, alguém irá dizer: ele escrevia no diário comunista Neues Deutschland. Mas todos os ossis, ou quase todos, repetem: “Nem tudo era tão mal ontem” e “nem tudo é tão bom hoje”. (VIDAL; LINDEN, 2004).

Com todos e cada um dos problemas que existiam nas experiências passadas, os trabalhadores tinham certeza de que teriam um emprego e casa, educação, esporte, cultura e saúde para eles e suas famílias, e na velhice podiam contar com uma aposentadoria. A sensação de ter certeza de que seu filho viveria no mínimo nas mesmas condições que você ou melhor – e não teria risco de cair na miséria – é poderosa frente à precariedade, pobreza, miséria e instabilidade econômica do neoliberalismo. Longe de combinar a segurança econômica do socialismo com o padrão de consumo do capitalismo europeu e estadunidense, o que os de baixo receberam com a contrarrevolução de 1989-91 foi desemprego estrutural, intensificação sempre constante dos ritmos de trabalho, velhice desamparada, ausência de saúde, privatização da cultura, educação e oportunidades.

Essa síntese sobre a União Soviética, em contraste com o que existe hoje, é ilustrativa:

[...] O sociólogo americano Albert Szymanski passou em revista uma série de estudos ocidentais sobre a distribuição de rendimentos e o nível de vida soviético. Apurou que as pessoas mais bem pagas da União Soviética eram artistas proeminentes, escritores, professores universitários, administradores, cientistas, que auferiam quantias entre 1200 e os 1500 rublos; os diretores empresariais entre 190 a 400 rublos mensais; os trabalhadores cerca de 150 rublos

mensais. Consequentemente, os rendimentos mais elevados correspondiam a apenas 10 vezes o salário do trabalhador médio; ao passo que nos Estados Unidos as mais altas chefias empresariais recebiam 115 vezes o salário de um trabalhador. Os privilégios associados a altos cargos do Estado, como lojas especiais e automóveis oficiais, permaneciam baixos e limitados e não contrariavam uma tendência contínua de quarenta anos no sentido de um maior igualitarismo. [...] Szymanski concluiu: 'embora a estrutura social soviética não possa corresponder ao ideal comunista ou socialista, é ao mesmo tempo qualitativamente diferente e mais igualitária que a dos países capitalistas ocidentais. O socialismo representou uma diferença radical em favor da classe trabalhadora'. (KEERAN; KENNY, 2008, p. 13-14, grifos nossos).

O jovem precarizado, terceirizado, desempregado, sem dinheiro para pagar a faculdade e sem muita perspectiva de futuro, escuta seu pai/mãe ou avô/avó falando de outra época, quando, dentre outras coisas, o emprego era garantido e as oportunidades educacionais eram gratuitas ou de baixíssimo custo. Alguns podem falar que isso é uma distorção política da memória ditada pelas condições conjunturais e gritar com escândalo o quão absurdo é relativizar a *Stasi*, os expurgos da era stalinista ou os tanques soviéticos entrando em Praga e na Hungria. O problema, nesse caso, é que toda memória é uma construção política (inclusive a memória de negação total do socialismo dos anos de 1990), e o repúdio moral não vai mudar o sentimento de massa em vários setores dos trabalhadores e da juventude. Gostando-se ou não, o fenômeno existe – e precisa ser mais bem estudado e compreendido.

Esse sentimento de nostalgia é alimentado pela falência da promessa neoliberal. É importante nunca esquecer que, com o fim da URSS, “campo socialista” e movimento terceiro-mundista, na era do “Fim da História”, como disse um ideólogo do império, a democracia liberal e a economia de mercado prometeram promover liberdade, eficiência, oportunidades, crescimento econômico.

No meio desse deserto de ideias e oásis de ilusões, apareceu um George W. Bush presidente – depois de fraudar uma eleição – proclamando a “guerra ao terror” e destruindo um país com a maior mentira institucional do século XXI até agora (“armas de destruição em massa no Iraque”). O liberalismo, depois de três ou quatro décadas de reinado soberano (a temporalidade depende do país) entregou nada próximo de um legado civilizatório. Essa situação é ainda mais dramática no antigo Terceiro Mundo, agora chamado de Sul Global.

Esse Sul Global, ou em termos mais precisos, a periferia do sistema capitalista, não conseguiu nenhuma superação do subdesenvolvimento, e até o grande exemplo liberal na América Latina, o Chile, conheceu recentemente seu maior movimento de massas em 40 anos, questionando o legado liberal pinochetista. Confluem três fatores objetivos: piora das condições de vida na imensa maioria dos países do ex-

“campo socialista”, falência das promessas do neoliberalismo e manutenção de todas e cada uma das misérias da periferia do sistema capitalista – os condenados da terra continuam condenados.

É nessa situação sociopolítica que a obra losurdiana ganha força e impacto social. Mas por que Losurdo e não outro autor causa todo esse barulho? É bem simples. O filósofo italiano, como falamos, busca pensar uma contra-história da modernidade, destacando a questão colonial como central.

Muitos setores do marxismo, profundamente eurocêntricos, não podem aceitar essa contra-história. Como falamos acima ao citar Vijay Prashad, o trotskismo passou ao largo de qualquer protagonismo nas guerras de libertação nacional e revoluções socialistas na periferia. Os liberais também não podem permitir esse debate sobre a questão colonial. Com a questão colonial – e acrescento: racial – em jogo, fica impossível, por exemplo, sustentar o mito do totalitarismo e ocultar a ligação de continuidade entre liberalismo e nazifascismo. É sempre importante lembrar uma clássica reflexão de Aimé Césaire sobre Ocidente e nazifascismo (que Losurdo dá continuidade e adensa):

Sim, valeria a pena estudar, clinicamente, em detalhes, os passos de um Hitler e do hitlerismo e revelar ao burguês muito distinto, muito humanista e muito cristão do século XX que ele carrega consigo um Hitler sem saber, que Hitler *vive nele*, que Hitler é seu *demônio*, que ele o vitupera, é por falta de lógica e, no fundo, o que ele não perdoa em Hitler não é o crime em si, *o crime contra o homem*, não é a *humilhação do homem em si*, é o *crime contra o homem branco*, é a *humilhação do homem branco*, é de haver aplicado à Europa os procedimentos colonialistas que atingiram até então apenas os árabes da Argélia, os *coolies* da Índia e os negros da África. (CÉSAIRE, 2020 [1950], p. 18).

Combinado a isso, Losurdo é o autor, como também já dito, da contra-história do liberalismo. Poucos autores, mesmo no marxismo, são capazes de desenvolver uma crítica ao liberalismo como o italiano. E desse pensamento também emerge – friso esse ponto – um novo balanço crítico das experiências socialistas. Para quem se sustenta afirmando uma negativa total das experiências socialistas, reivindicando e defendendo no máximo a Comuna de Paris e os primeiros cinco ou seis anos da Revolução Russa, esse novo balanço é disfuncional para sua legitimidade política.

Essa disfuncionalidade se explica pelo “culto da derrota”. Chamo de culto da derrota a visão cultural, histórica e política que predica que todas as experiências históricas de construção do socialismo são uma tragédia, que o marxismo continua

sendo o caminho, porém um caminho não contaminado por essas experiências. O culto da derrota em sua dimensão total gera como subproduto um autoelogio. É como se o sujeito falasse, “sim, Cuba, China, Coreia, URSS, Iugoslávia e afins foram uma tragédia, mas eu não tenho nada com isso; o meu marxismo é limpo”. É bem estranho que uma “filosofia da práxis” – como Antonio Gramsci chamava o marxismo – tenha como um dos seus principais ativos nunca ter se “contaminado” pela práxis de tentar construir o socialismo.

Nesse ponto, certo marxismo e o liberalismo – de esquerda ou de direita – se unem, ainda que por formas diferentes. Para ambos, por questão de legitimidade histórica e política, confinar a história do movimento comunista e do socialismo a um grande *gulag*, a uma espécie de terror stalinista perpétuo, é questão de vida ou morte. O abismo, no caso dos marxistas, entre a defesa do socialismo na teoria e a negação total de suas tentativas de materialização histórica (note que crítica é bem diferente de negação total) é preenchido com esse culto da derrota que pensa mais ou menos assim: “perdemos e que bom que perdemos! Mas na próxima vamos ganhar!”. Aqui vale citar uma crítica de Leon Trotsky aos seus seguidores, que, já nos anos de 1930, manifestavam esse tipo de pensamento:

Uma forma de pensar “puramente” normativa, idealista e ultimatista quer construir o mundo à sua imagem e desfazer-se simplesmente dos fenômenos de que não gosta. Só os sectários, quer dizer, a gente que é revolucionária só na sua própria imaginação, se deixa guiar por puras normas ideais. Dizem: não gostamos destes sindicatos, não os defendemos. *E cada vez prometem voltar a começar a história a partir do zero.* Edificação, isso sim, um Estado operário quando o bom deus lhes ponha entre as mãos um partido ideal e sindicatos ideais. *Esperando este feliz momento, fazem todos os trejeitos que podem frente à realidade. Um vigoroso trejeito é a mais alta expressão do “revolucionário” sectário.* (TROTSKY, 2009 [1937], grifos nossos).

Losurdo não defendia recomeçar a história do zero, mas entender os motivos da derrota. Compreendendo que derrota não significa anular todas as experiências históricas acumuladas e deixar de se orgulhar das vitórias que tivemos pelo caminho. Em nossa época, quando todas as forças do espectro político, de uma forma ou de outra, parasitam em torno do anticomunismo, era óbvio que não poderia ser permitido um herege questionar esse dogma. Mais uma vez citando o filósofo Alain Badiou,

Não tenho um conhecimento amplo e preciso da sua obra, mas em todo o caso, penso que é um verdadeiro historiador progressista, capaz de descrever e julgar as situações de uma forma ao mesmo tempo documentada, materialista e ousando ir contra a corrente. O comunismo tem sido, desde a contra-revolução das décadas de 1980 e 1990, objeto de uma ofensiva ideológica massiva, apoiada em flagrantes mentiras históricas, e de uma identificação com o

fascismo que, embora seja totalmente absurda, se tornou um lugar-comum. Losurdo merece imenso crédito por nos dar novas maneiras de lidar com a equação “Stalin = Hitler” pelo que ela é: uma peça enganosa e importante da máquina da ideologia dominante contemporânea. (BADIOU, 2021).

Conclusão

Este breve debate sobre a questão Stálin na obra de Domenico Losurdo não pretende esgotar o tema. Buscamos mostrar como resumir a obra de Losurdo a uma espécie de “neostalinismo” ou “reabilitação de Stálin” é uma pura falácia para, como diz o ditado popular, matar o carteiro evitando de ler a carta. Aliado a isso, abordagens mais respeitadas e equilibradas tendem a elogiar o conjunto da obra losurdiana, mas desprezar o livro *Stálin, história crítica de uma lenda negra*.

Como procuramos mostrar no decorrer deste ensaio, a obra de Losurdo debatendo o líder soviético não é um raio em céu azul, um ponto fora da curva, mas uma consequência necessária dos debates sobre a questão colonial na modernidade, contra-história do liberalismo e reavaliação das experiências socialistas no século XX. Por óbvio, ninguém é obrigado a ter as mesmas conclusões que o pensador italiano sobre o “stalinismo”, mas é incontornável, para quem leve a sério esses debates, um novo balanço sobre a questão Stálin fora dos paradigmas construídos durante a Guerra Fria.

Que este escrito seja uma modesta contribuição ao debate e ao esforço coletivo de reflexão sobre o legado de Domenico Losurdo, assim como à reconstrução da memória histórica do movimento comunista. Losurdo dizia que a burguesia não apenas expropria o mais-valor, como também o passado das classes trabalhadoras. É nesse espírito que devemos fazer o debate teórico e político: lutar para tomar de volta o nosso passado como parte do processo de conquista do poder e dos meios de produção.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. *Posições I*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1978.
- ANDERSON, Perry. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.
- ANDERSON, Duan Revoluções. Rússia e China. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.
- ARCARY, Valerio. Uma nota sobre a fragmentação no movimento trotskista internacional. *Esquerda Online*, 20 nov. 2019. Disponível em: <<https://esquerdaonline.com.br/2019/11/20/uma-nota-sobre-a-fragmentacao-no-movimento-trotskista-internacional/>>. Acesso em: 01 out. 2020.
- BADIOU, Alain. Entrevista exclusiva com Alain Badiou [concedida a Marcelo Bamonte e Diogo Fagundes]. *Lavra Palavra*, 08 set. 2021. Disponível em: <<https://lavrpalavra.com/2021/09/08/>>

entrevista-exclusiva-alain-badiou/>. Acesso em: 12 dez. 2021.

BADIOU, Alain. *Séminaire d'Alain Badiou (2010-2011)*. [Transcrição de seminários de Alain Badiou]. 2010-2011. Disponível em: <<http://www.entretemps.asso.fr/Badiou/10-11.htm>>. Acesso em: 01 out. de 2020.

CÂNFORA, Luciano. *De Stalin a Gorbatchov: como acaba um império*. In: LOSURDO, D. Stalin: uma história crítica de uma lenda negra. Rio de Janeiro: Revan, 2010.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. São Paulo: Veneta, 2020.

DU BOIS, William E. B. *On Stalin*. 2008 [1953]. Disponível em: <<https://www.marxists.org/reference/archive/stalin/biographies/1953/03/16.htm>>. Acesso em: 08 set. 2020

FANON, Frantz. *Em defesa da Revolução Africana*. São Paulo: Raízes Americanas, 2018. p.83-107

FARIAS, Wagner. Lênin e a revolução entrevista de Jean Salem ao Avante!. 23 nov. 2013. Disponível em: <<https://fdinarcoreis.org.br/fdr/2013/11/23/lenin-e-a-revolucao-entrevista-de-jean-salem-ao-avante/>>. Acesso em: 03 out. 2020.

FRESU, Gianni. Domenico Losurdo: luta filosófica e revolução entre as duas Restaurações. *Margem Esquerda*, n. 31, jul./dez. 2018. Disponível em: <<https://www.giannifresu.it/2020/08/domenico-losurdo-luta-filosofica-revolucao-entre-as-duas-restauracoes/>>. Acesso em: 01 out. 2020.

GIACOMINI, Ruggero. *Il processo Stalin*. Roma: Castelvecchi, 2019.

GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. v. 3.

KEERAN, Roger; KENNY, Thomas. *O socialismo traído: por trás do colapso da União Soviética*. Lisboa: Avante!, 2008.

LOSURDO, Domenico. *Stalin: uma história crítica de uma lenda negra*. Rio de Janeiro: Revan, 2010. p. 339-340.

LOSURDO, Domenico. *Marx e o balanço histórico do século 20*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2015.

LOSURDO, Domenico. Stalin e o pensamento primitivo. *Vermelho*, 09 abr. 2011. Disponível em: <<https://vermelho.org.br/2011/04/09/domenico-losurdo-stalin-e-o-pensamento-primitivo/>> Acesso em: 01 out. 2020.

LOSURDO, Domenico. *Stalin: uma história crítica de uma lenda negra*. Rio de Janeiro: Revan, 2010.

LOSURDO, Domenico. *Fuga da história? A Revolução Russa e a Revolução Chinesa vista de hoje*. Rio de Janeiro: Revan, 2009.

MARIE, Jean-Jacques. Le socialisme du Goulag. *Faire Vivre le PCF*, 28 jun. 2011. Disponível em: <<http://lepcf.fr/LE-SOCIALISME-DU-GOULAG>>. Acesso em: 08 set. 2020

PRASHAD, Vijay. *Estrela vermelha sobre o terceiro mundo*. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

RODRIGUES, Francisco M. Mao nunca foi comunista? *Política Operária*, n. 21, 1989. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/rodrigues/1989/10/mao.htm>>. Acesso em: 02 out. 2020.

SAHUQUILLO, María. Cresce na Rússia o número de nostálgicos da União Soviética. *El País*, 20 dez. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/19/internacional/1545228653_659406.html>. Acesso em: 12 dez. 2021.

TROTSKY, Leon. Um estado não operário e não burguês. 2009 [1937]. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/trotsky/1937/11/25.htm>>. Acesso em: 04 out. 2020.

VIDAL, Dominique; LINDEN, Peter. Os alemães se rendem à “nostalgia”. *Le Monde Diplomatique Brasil*, 01 ago. 2004. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/os-alemaes-se-rendem-a-ostalgia/>>. Acesso em: 12 dez. 2021.